

Uma literatura vista das margens

Edmar de Assis Campelo Ávila (Mestrando - Universidade de São Paulo)

Resumo:

Em 1994, na revista número 36 do IEB, Marlene G. Mendes apresentou o “diálogo” entre Mário de Andrade e o “Tio Pio” (Pio Lourenço Corrêa). A curiosidade maior acerca do tema que este trabalho pretende desenvolver reside na própria forma do seu registro: notas de margem de um exemplar (que pertenceu ao “Tio Pio”) da primeira edição de “Amar, Verbo Intransitivo” e que hoje se encontra no acervo do IEB/USP. O presente trabalho é parte de uma dissertação em andamento, que busca investigar a trajetória de “Amar, Verbo Intransitivo”, levando em conta todas as singularidades do processo de sua criação.

Palavras-chave: Crítica genética; Literatura Brasileira; Modernismo; Mário de Andrade; Amar, Verbo Intransitivo

Introdução

Seria muito interessante começar este ensaio citando a resposta de Mário de Andrade à nota da página 26, através da qual Pio Lourenço questiona a preferência de Mário de Andrade pelo “si” ao invés de “se”:¹

Também aqui o sr. terá razão... guardo o meu si pra distinguir. Desde que principiei **abrasileirando minha literatura, tomei sempre bem tento nisto:** si emprego termos locuções, sintaxe de povo, não faço fala de povo porê literatura, isto é, **busco enobrecer na linguagem escrita os monumentos populares.** Carece não esquecer que entre linguagem falada e linguagem escrita vai um abismo quasi. É lógico que não basto eu para enobrecer modismos populares porê muitos estão fazendo a mesma coisa. Daqui a 100 anos os nossos netos saberão o que ficou corrente na língua literária brasileira. Edifico na areia sei bem. Porê as ruínas de mistura com a areia vão fazer chão duro pra edificações futuras. Não faço arte. Minhas obras não passam de ações. (MENDES, 1999, p.201)

Já se vão oitenta dos cem anos a que Mário aludiu e seu projeto de abrasileiramento da literatura continua a ecoar com força e fôlego singulares em torno das mesmas questões de tensão entre grafia e fala. Em tempos de discussão sobre reforma ortográfica (discussão sempre cercada de uma excessiva e pouco edificante polêmica) é curioso analisar notas marginais de uma edição do início de século XX e perceber nitidamente a perenidade de certos assuntos, bem como a manifestação de duas posturas perante a língua – na maior parte das vezes diametralmente opostas – em especial, no seu registro escrito, de dois intelectuais bastante familiarizados com a literatura corrente da época.

1 REVISITANDO UM DIÁLOGO

Em 1994, na revista número 36 do IEB, dentre os vários textos que celebram o centenário de Mário de Andrade, Marlene Gomes Mendes apresentou o diálogo entre Mário de Andrade e o “Tio Pio” (Pio Lourenço Corrêa), fazendeiro culto e primo do escritor de Macunaíma, proprietário

¹ MENDES, Marlene Gomes. Diálogo Mário e Tio Pio – In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: EDUSP, nº36, p.190-243, 1994.

da Chácara da Sapucaia – onde, aliás, o “herói sem nenhum caráter” ganhou sua primeira redação. Ora é sobre esse diálogo que levantaremos algumas reflexões pouco ambiciosas.

A curiosidade maior acerca desse ‘diálogo’ reside na própria forma do seu registro: notas de margem num exemplar da primeira edição de **Amar, verbo intransitivo** que pertenceu ao fazendeiro e que hoje se encontra no acervo do IEB.

As notas de margem contam não apenas com as questões, dúvidas e divergências apontadas por Pio Lourenço (123 no total), mas também com as réplicas de Mário de Andrade, além de curiosas ‘sustentações de embargo’ que funcionam como contra-réplicas (somam 10) que o ‘Tio Pio’ anotou cuidadosamente ao final do volume. Essa forma especial de registro abre uma possibilidade interessante de se entender essas notas como uma forma de correspondência assaz curiosa para merecer alguns comentários uma vez que se trata de uma correspondência que prescinde da “carta”, da “folha de papel em branco” como suporte material.

2 AS MARGENS DA CORRESPONDÊNCIA

A transcrição que Marlene Gomes Mendes realizou traz as seguintes informações introdutórias que podem servir de ponto de partida para uma análise das notas sob a ótica da correspondência:

Na folha de rosto, aproveitando o nome do autor já impresso no alto da página, a ressalva da severa leitura: ‘Meu amigo MARIO DE ANDRADE: / As notas que aí vão são / amistosas e confidenciais: por isso é que são / francas: franqueza de confessorário. Não mas / leve a mal, que não buscam hostilidade. / Tio Pio. (MENDES, 1999, p.193)

Essa parte da nota introdutória em que o Tio Pio “pede licença” ao amigo Mário para fazer as observações que seguiriam nas margens do exemplar, ressaltando o caráter amistoso e confidente, constitui um tipo de “saudação” bastante curiosa uma vez que reflete o caráter afetivo tão caro às cartas – presente, por exemplo, na opção de assinatura “Tio Pio”, ao invés de Pio Lourenço Corrêa – sem, entretanto, se configurar como meros cumprimentos; haja vista a ênfase dada ao conteúdo crítico dos comentários. Essa antecipação é bastante eficaz na sua intenção de conduzir o olhar de quem lê as notas para o “ambiente afetivo” em que esses escritos situam-se de forma apriorística e que poderia escapar à percepção do leitor de outras épocas. Todavia, Pio Lourenço cuidou de colocar no final do livro uma ressalva em que já se pode perceber a preocupação do autor das notas em relação ao alcance daquelas anotações e ao seu aproveitamento por terceiros em leituras posteriores², como essa que ora fazemos:

A quem ler estas notas ríspidas, sem conhe- / cer os antecedentes imponderáveis de amizade e / camaradagem entre autor e crítico – pode pa- / recer, parece de certo, que achei o livro de- / testabilíssimo. Entretanto – curiosa antinomia! - / declaro lealmente que não. Salvas divergên- / cias irreconciliáveis – até na forma, que / não só no fundo, vejo um valor dinâmico / entressachado, bastante poderoso para man- / ter a obra por cima dos escolhos, em que / tantas vezes parece naufragar. / Chácara, em Araraquara, Março de 1927 / Pio Lourenço Corrêa. (MENDES, 1999, p.242)

² Nesta anotação final, quem assina não é mais o Tio Pio, Mas Pio Lourenço Corrêa. Essa diferenciação marca uma redução no grau de intimidade entre quem escreve e o leitor, uma vez que essas palavras não se dirigem a Mário, mas a leitores terceiros.

O fato de num primeiro momento Pio Lourenço Corrêa tratar das notas como sendo “confidenciais” e logo depois escrever uma ressalva dirigindo-se a leitores terceiros nos abre uma perspectiva ainda mais interessante da correspondência como lugar da reflexão sobre a leitura e sobre a gênese textual.

Se considerarmos Pio Lourenço como remetente teremos a configuração de uma correspondência endereçada a mais de um destinatário e constituída de uma forma no mínimo interessante. As anotações primeiras – puramente textuais, voltadas à arquitetura da obra – tiveram obviamente como destinatário primordial o escritor Mário de Andrade. As demais (que incluem a saudação², as notas de Pio, as respostas de Mário, as sustentações de embargo e a ressalva final) se dirigiriam, sob o ponto de vista de nossa análise, a um público externo e de um tempo em que as relações entre o crítico autor das notas e o amigo escritor não fossem claramente conhecidas. Poderíamos ir ainda mais longe e entender que, como estas notas constam de um único exemplar, todas as anotações se articulariam com o próprio texto de ficção de *Amar, verbo intransitivo* e constituiriam uma grande carta onde as bases de discussão sobre a gênese textual, bem como sobre o estabelecimento do texto que vigoraria nas edições posteriores, aparecem escancaradas, revelando os bastidores de um fazer literário em que a própria noção de autoria é colocada em evidência questionando a autoridade soberana do “autor” sobre o seu próprio texto; **e o que é mais fascinante, sob essa perspectiva, dá-se o surgimento de um novo texto, uma nova obra, não mais um romance/idílio, mas um “romance/idílio anotado”, que ganha dois novos personagens, os quais, numa esfera alheia à da narrativa, discutem a forma, o conteúdo, as circunstâncias de recepção da obra, se estranham, se entendem, e acabam por deslocar o foco das atenções do leitor para as suas próprias questões individuais: tanto de postura ideológica quanto de inclinação estética.**

3 OS CAMINHOS DA CRIAÇÃO

Algumas notas-resposta de Mário são muito esclarecedoras das suas intenções estéticas, das influências da psicanálise³ (ainda incipiente naquela época) na construção do seu “idílio” e mesmo da postura crítica de sua narrativa em relação aos costumes da aristocracia brasileira do início do século XX. É o caso da nota que aparece na página 7 do livro, como réplica à alegação de não entendimento que Pio Lourenço fizera do seguinte trecho de *Amar, verbo intransitivo*: **“Neto de Borbas me secunda desdenhoso que badalo e mãos ásperas nem por isso deixam de existir. Ora! O badalo pode não tocar e mãos se enlavam.”** Mário esclarece o trecho a Tio Pio (e a todos os leitores terceiros, por conseguinte) no pé da página:

Aqui em S. Paulo tem toda uma aristocracia besta, de gente que se orgulha dum Borba Gato ou dum Pais Leme bandeirante. Daí a resposta do neto de Borbas. Ao que repliquei que a gente enlizando a mão, esconde a grosseria plebeia das unhas chatas. (MENDES, 1999, p.195)

O mais curioso dessa nota é perceber que o Tio Pio é, muito possivelmente, um dos constituintes dessa aristocracia rural que se pretendia culta e cosmopolita e que na narrativa é representada pela família Souza Costa. Talvez venha daí a preocupação gentil de Mário, ao iniciar a

² Como vimos, a saudação reveladora das relações de afetividade entre os correspondentes e que acaba por fornecer mais informações aos leitores “terceiros” que ao próprio Mário, para quem o referido grau de intimidade deveria estar mais do que claro desde o início, o que tornaria as escusas de Pio Lourenço perfeitamente dispensáveis para o autor de *Macunaíma*, porém muito valiosas para os leitores “externos” ao contexto dessa amizade.

³ Há uma nota na página 14 em que Mário faz toda uma explanação sobre “associação de imagem” esclarecendo como esse componente psicanalítico se insere não apenas no texto de *Amar, Verbo Intransitivo*, mas em alguns poemas de *Losango Caqui*. Na revista do IEB, a nota aparece transcrita na página 197.

nota com “Aqui em S. Paulo”, para tentar situar o comportamento social que estava sendo criticado num ambiente específico do qual Pio não fazia parte.

Sobre Pio, algumas notas revelam grande erudição lingüística e ilustram com efeito a imagem de leitor rigoroso que nos é apresentada na saudação. Não raramente nos deparamos com anotações nas quais Tio Pio se coloca a citar dicionários, alíneas e portarias do governo português acerca das normas ortográficas e de suas modificações⁴.

Tanto a postura de Mário de Andrade quanto a de Pio Lourenço revelam, aos leitores dessa “obra única” anotada, um ambiente de confronto de idéias em que Mário (mais jovem e dado ao fazer artístico) representa o pólo vanguardista, a vontade de ruptura com a tradição paradigmática oitocentista; e Pio Lourenço (mais velho e impregnado pela cultura dos oitocentos) representa o discurso conservador, a retórica passadista, fundamentada no rigor ortográfico e pouco sensível às vontades modernistas de aproximação entre a escrita e o “falar brasileiro”.

Outro aspecto que chama a atenção é o tom bem humorado presente em grande parte das notas tanto de Pio Lourenço quanto de Mário. Em algumas delas, como na resposta de Mário à nota da página 27: **“Me surpreendi e amargurei com meu arrôz. É arrôz”**⁵ o riso se torna perceptível à primeira leitura o que abranda a circunspecção que as anotações corretivas geralmente impõem. **Esse aspecto do humor colabora com o diagnóstico do nível de intimidade entre as partes correspondentes e dá uma sintonia fina às discussões em que se poderá perceber a consciência de Mário de Andrade em relação à escrita e à língua como processos passíveis de transformação no transcorrer do tempo e a idéia de que suas obras poderia ser alvo de olhares curiosos e ávidos por um registro de conflito entre fala e escrita que o modernismo cuidou de evidenciar**⁶.

Dado o fato de hoje se buscar na correspondência de Mário de Andrade muitas respostas para questões referentes a um período histórico marcado por transformações artísticas, políticas e ideológicas no Brasil, não é de todo descabido que o projeto de Mário de Andrade tivesse os olhos voltados para as gerações brasileiras de futuros leitores. **Os “herdeiros de Macunaíma” seriam os responsáveis pela identificação do “universal” na particularidade do ambiente brasileiro.** Daí a importância desse projeto literário de valorização da “língua brasileira”, com suas marcas regionais e temporais. Nesse sentido, o exemplar anotado com os debates entre o “Tio Pio” e Mário de Andrade é de importância extrema, porque é a configuração de uma correspondência bastante peculiar, que marca acentuadamente o momento de transição e o embate ideológico que se configurava no Brasil de então. Os perfis do artista e do crítico estão dividindo um espaço de tensões em que é possível apreender a ambiência em que a obra surgiu, da qual era fruto e de que inexoravelmente traduzia reflexos.

Conclusão

Muitos dos silêncios da narrativa de **Amar, verbo intransitivo** estão explicitados e ganham voz nas notas, de forma a propiciar para o leitor especialista uma absorção muito maior das nuances do texto e de sua elaboração estética. E essa característica que também pertence ao estatuto da correspondência faz deste exemplar anotado um monumento literário ainda maior, capaz de reunir num único meio material: **a expressão artística do primeiro modernismo, a mordacidade da crítica social, a análise criteriosa do texto, a afetividade costumeira do texto epistolar e o embate teórico polarizado, no qual, de um lado está um intelectual sem compromisso de ser escritor e que não entende bem o projeto literário de distanciamento do caricatural ruralesco;**

⁵ Na revista do IEB, a nota aparece transcrita na página 202.

⁶ É o caso da resposta à nota da página 50, em que Pio Lourenço levanta a questão da grafia e da pronúncia do “o” na palavra sozinho (sôzinho ou sôzinho). Na revista do IEB, esta nota aparece transcrita na página 206.

e de outro um artista profundamente preocupado com os subsídios mais íntimos que a obra de arte pode fornecer a um público de quem ela surge e para quem ela está voltada.

Referências Bibliográficas

- [1] ANDRADE, Mário de. **Amar, Verbo Intransitivo** – 17ª edição, Rio de Janeiro: Itatiaia, 2002.
- [2] _____. O Movimento Modernista – In: **Aspectos da Literatura Brasileira**. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002. p.253-280
- [3] COMTE-SPONVILLE, André. A correspondência. In: **Bom dia, Angústia**. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 35-45
- [4] BECKER, Colette. O Discurso de escolta: A anotação e seus problemas (a propósito da correspondência de Zola). Tradução: Cláudio Hiro – texto disponibilizado durante a disciplina.
- [5] FOISIL, Madeleine. A escritura do foro privado. In: **História da vida privada** – Da renascença ao século das luzes. Org. Philippe Ariès e Roger Chartier. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras. p. 331-369
- [6] MENDES, Marlene Gomes. Diálogo Mário e Tio Pio – In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo: EDUSP, nº36, p.190-243, 1994.
- [7] _____. “Abrasileirar o Brasil” (Arte e literatura na epistolografia de Mário de Andrade). In: **Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Bresilien - Caravelle**. Toulouse, 2003 N°80, p.33 - 47